

MULHERES NEGRAS A CAMINHO DO CENTRO DA CENA

REPRESENTAÇÕES DAS MATERNIDADES NA LITERATURA BRASILEIRA

Mileide Santos Dias

(Universidade do Estado da Bahia)

Manuela Santos Dias

(Universidade do Estado da Bahia)

| RESUMO | ABSTRACT |
|--|---|
| <p>Na historiografia literária brasileira, ainda em seu âmbito geral, a representação da mulher negra nem sempre ocorreu de forma afirmativa; sendo, por vezes, retratada como passiva, lascívia e/ou animalésca. Este artigo enseja observar um percurso da mulher negra na literatura nacional, partindo da escrita branco-patriarcal até ancorar na literatura negro-brasileira. Por meio da metodologia bibliográfica com cunho qualitativo, investigam-se representações da maternidade negra à luz de perspectivas sociológicas, psicanalíticas e crítico-literárias. Analisa-se a escrita viva de Conceição Evaristo no conto, <i>Aramides Florença</i>, da obra <i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i> (2020), que apresenta uma mulher negra <i>maternando</i> no centro da cena. Constata-se uma longa caminhada até a inserção (e à permanência) - na historiografia literária brasileira - de descrições humanizadas da personagem negra, sobretudo, <i>maternando</i> filhos seus, distanciando-se de estereótipos e imposições sociais.</p> | <p>In Brazilian literary historiography, even in its broader scope, Black women have often been depicted in reductive ways, characterized as passive, lascivious, or animalistic, rather than affirmatively represented. This article examines the evolving portrayal of Black women in national literature, moving from white-patriarchal narratives to Afro-Brazilian literature. Using a bibliographic methodology with a qualitative approach, the study investigates representations of Black motherhood through sociological, psychoanalytic, and literary-critical perspectives. Specifically, it analyzes the vibrant writing of Conceição Evaristo in her short story “Aramides Florença” from the collection <i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i> (2020). The findings reveal a long journey toward the inclusion—and permanence—of Black female characters in Brazilian literary historiography, particularly in their roles as mothers raising their children, emphasizing depictions that break away from stereotypes and social impositions.</p> |

| PALAVRAS-CHAVE | KEY-WORDS |
|---|---|
| Representação negra feminina; <i>Maternagem</i> ; Conceição Evaristo. | Black Female Representation; <i>Mothering</i> ; Conceição Evaristo. |

PRIMEIROS PASSOS: ABRINDO CAMINHOS

Ao longo das colonizações que resultaram nas diásporas africanas, corporeidades

negras femininas passaram por objetificações para deleite alheio; tiveram sua mão de obra expropriada nas terras/casas alheias e foram apropriadas como seio materno para filhos alheios. A autonomia da mulher negra foi tirada, negando-lhe, entre muitos outros, o direito de *maternar* seus filhos. Durante muito tempo, a literatura reproduziu essas ações/negações descrevendo o corpo negro feminino como objeto – sexual e/ou estético – não como mulher-mãe ocupante do centro da cena.

A voz preta feminina e sua escrita passaram pelas tentativas de silenciamento, menosprezo e apagamento devido a ganância do colonizador em hegemonizar sua visão por meio de narrativas nas quais a *maternagem* negra é distorcida e/ou empobrecida pela unilateralidade da ótica colonialista. Porém, deter a potência da ancestralidade negra não é fácil, mesmo para sistemas opressores, por isso, é possível encontrar, não só obras nas quais a mulher preta se presentifica de forma afirmativa, mas toda uma vertente literária – a literatura negro-brasileira – com autoras/res negras/os desenhando personagens negras que exercem subjetividade de forma múltipla, entre essa multiplicidade, escolhendo ser mãe e *maternando* suas crianças.

A escrita negra conseguiu abrir caminho na literatura brasileira com narrativas pautadas em suas vivências. Esse percurso não foi fácil, tampouco simples, muito menos está perto do fim. Para tentar entendê-lo, antes de adentrarmos nas representações da *maternagem* na literatura negro-brasileira, faremos um suscito passeio pela historiografia da literatura produzida no Brasil, com foco em suas descrições da personagem negra, sobretudo, das maternidades atribuídas à mulher preta.

Em algumas obras literárias consideradas canônicas, geralmente, escritas por homens brancos, como por exemplo, *Menino de engenho* (1960) e *Meus verdes anos* (1956), ambas de José Lins do Rego, a mulher negra foi descrita de forma desumanizada, sendo retrata como subserviente, passiva, selvagem, sexualmente insaciável, agressiva e estéril¹, ou seja, caracterizada com atributos que a distanciam da subjetividade.

Essa revisitação à historiografia da literatura brasileira leva-nos à mãe preta, figura de potente complexidade que nos conduz a uma digressão iniciada por meio das seguintes indagações: a maternidade exercida pela mãe preta pode ser considerada legítima? Ou, seria ela mais uma violência imposta pelo regime escravocrata? Talvez, essas respostas não sejam encontradas, mas a problematização é válida e necessária.

A mãe preta na literatura brasileira foi retratada como aquela que cuida, amamenta, conta histórias e zela os filhos da casa grande por gerações, com extremo afeto

¹ Nota-se a infertilidade ligada à animalização, ao passo que a corporeidade negra feminina é, implicitamente, comparada a uma mula, animal híbrido, portanto estéril, fato embrionário do termo racista “mulata” e do mito da boa mulata.

e dedicação, como ilustra o trecho da obra de *Meninos do engenho* (1960), por meio da qual o narrador cita mães-pretas que conviveram com sua família:

Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas trabalhavam de graça, com a mesma alegria da escravidão. As suas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos (Rego, 1960, p. 53).

A triste descrição da figura que não possuía vida própria e que estava sempre disponível para as crianças brancas, como *animais*, *dóceis*, *domésticos*, reforça o lugar social de subserviência reservado às mulheres negras na sociedade branca-burguesa.

De acordo com Lélia Gonzalez (2020), a mãe preta é usada na tentativa racista de comprovar a mentira histórica de que o negro aceitou passivamente a escravidão (2020, p. 202-203). A intelectual, com sua linguagem irônica, argumenta que à mulher negra não era dada escolha:

[A mãe preta] era escrava e justamente por isso foi obrigada a cuidar dos filhos de seus senhores. Além disso, muitas vezes seus filhos recém-nascidos eram arrancados delas para que se ‘dedicassem’ inteiramente às crianças brancas, amamentando-as com exclusividade. Aquelas que não aceitassem eram cordialmente torturadas ou simplesmente liquidadas (Gonzalez, 2020, p. 203).

É possível imaginar as mulheres escravizadas, que resistissem/ram amamentar as crianças brancas, em detrimento das suas, sendo açoitadas ou assassinadas. Logo, descarta-se qualquer possibilidade de liberdade de escolha – ser ou não ser uma mãe preta não era opção, mas sim, imposição para as escravizadas.

Ao ser apresentada como *modelo de aceitação* da escravidão (Gonzalez, 2020, p. 203) a mãe preta é reduzida, sua complexidade e participação na construção identitária da cultura brasileira são minimizadas. Além disso, por meio desse ato, o racismo lança mão de um dos seus tentáculos opressores: transferir a culpa para o alvo de suas agressões.

No artigo *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*, Gonzalez (2020) recorre à psicanálise buscando encontrar aportes para compreender a maternidade atribuída à mãe preta:

É interessante constatar como, através da figura da ‘mãe-preta’, a verdade surge da equivocação (Lacan, 1979). Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. [...] *O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns*

negros apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe pra dormir, que acorda de noite pra cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato; doido da cultura brasileira. [...] a 'mãe preta' é a mãe (Gonzalez, 2020, p.87-88. Grifo nosso).

Essa análise de Gonzalez nos chama atenção para a encruzilhada que se constrói a partir da mãe preta. Há muito em torno dessa figura. A passividade retorna aqui, mas do outro lado da história. Quem retratava a mulher negra como passiva e, possivelmente, a enxergava assim, era o olhar branco-hegemônico.

Ao cuidar das crianças brancas, a mãe preta passava seus valores e conhecimentos. Gonzalez enxerga nessa ação uma subversão, pois, para *maternar*, antes é preciso ser humana, colocar-se no mundo como *sujeita*², um objeto não consegue ser mãe.

A *rasteira* dada no patriarcado e nos diversos racismos é um dos pontos relevantes da análise de Gonzalez, porém não é o único a nos interessar. Ao mencionar não ser a mãe preta um exemplo de amor nem uma entreguista, Lélia desperta nossa atenção para as múltiplas concepções acerca dessa maternidade. Suas palavras iluminam o quão comprometedor são os rótulos impostos à *maternagem* negra. Tanto a imagem romantizada, quanto a demonizada, atribuídas à mulher preta, retratada por meio da literatura, serviram para o apagamento da subjetividade preta, fortalecendo alguns mitos, como o da passividade da mãe preta, o da boa “mulata” e o da democracia racial disseminados por Gilberto Freire (2001). Essas falácias relacionadas à população negra fomentam racismos, contribuindo com processo de propagação da inferiorização imposta às pessoas negras.

Essa inferiorização é abordada pela psicanalista negra brasileira, Neusa Santos Souza como *mito negro*. Em sua obra, *Torna-se negro* (2021), a intelectual apresenta o mito como “um discurso – verbal ou visual – uma forma de comunicação [...] que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em ‘natureza’” (Souza, 2021, p. 54). A pesquisadora também afirma:

O mito negro se constitui rompendo uma das figuras características do mito – a identificação – e impondo a marca do insólito, do diferente. [...] A representação do negro como elo entre o macaco e o homem branco é uma

² Optamos em flexionar a palavra *sujeito* no feminino, pois, de acordo com Grada Kilomba (2019), a falta de variação do vocábulo *sujeito* no idioma português desvela relações de poder do idioma português o que evidencia a necessidade de encontrarmos expressões.

das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à instância biológica. Essa representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história. [...] (Souza, 2021, p. 55 e 57).

A representação citada por Souza não exclui a passividade e subserviência presentes no retrato da mãe preta descrita por olhares externos inconscientes à negritude e suas potencialidades.

Por muito tempo, a imagem distorcida da mulher preta, apresentada em obras literárias, a relegou ao primitivismo, segregando-a do que a sociedade considera legítimo, a brancura. Esse ato é violento, pois representar mulheres negras de forma desumanizada intensifica sua rejeição social, distanciando-as da identificação e autodeclaração da negritude sem, obviamente, abrir-lhes espaço na supremacia branca.

Dessa forma, cria-se um grande conflito: a mulher negra se vê obrigada a fugir de sua identidade, socialmente inferiorizada e relacionada a aspectos animais, sendo, portanto, coagida a assimilar aspectos de uma outra que não lhe acolhe, causando a anulação de seu eu, criando um não-pertencimento, do qual não é fácil se libertar.

À época da primeira publicação de *Menino do engenho* e *Meus verdes anos* – 1932 e 1956 respectivamente – não era comum encontrar personagens negras em obras literárias, mas quando ocorria, infelizmente na maioria das vezes, era de forma negativa, sobretudo, quando essa representação dava-se no âmbito da maternidade descrita por um olhar contribuinte de ideologias que sustentam estruturas do Brasil, como assevera Fabiana Carneiro da Silva:

a representação do exercício da maternidade das mulheres negras, quando existente na literatura nacional brasileira, dá-se de modo controverso que remete, sobretudo por meio da figura da mãe preta, à violência intrínseca à construção ideológica do Brasil como nação (Silva, 2019, p. 128).

Ou seja, o que se constata, em algumas produções literárias que apresentam a mãe preta como a subserviente, é a presença de um corpo inerte, sem desejos ou vontades próprias, disponível apenas para atender às vontades alheias.

Além de analisarmos a representação distorcida, unilateral e empobrecida urge também olharmos para a parca presença da *maternagem* negra na literatura nacional. Essa ausência pode ser lida como uma tentativa de esconder nossa descendência africana, conforme continua evidenciando Gonzalez:

E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira [...] Essa criança, esse *infans*, é a dita cultura brasileira,

cuja língua é o pretuguês (Gonzalez, 2020, p. 88).

E esse legado cultural, deu-se também por meio da contação de histórias das mães pretas aos filhos brancos. A metáfora de Gonzalez com a África enquanto mãe do Brasil transmitindo histórias, valores e conhecimentos em *pretuguês* desagua no seguinte questionamento de Conceição Evaristo: “Estaria a literatura, assim como a história, produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimento de outros, e assim ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira?” (2005, p. 202).

Portanto, a ausência e/ou a invisibilização da representação de uma *maternagem* preta afirmativa na literatura além de ocultar a subjetividade negra feminina, também esconde a importância da identificação negra ancestral de nossas matrizes, como se devêssemos sentir vergonha: por termos em nossa formação a efetiva participação de pessoas negras africanas; de África enquanto nosso útero, nossa raiz-mãe.

A representação distorcida da mulher negra e sua impossibilidade de exercer a *maternagem* de filhas/os suas/eus têm sido reeditadas pela literatura negra-brasileira. O olhar, a escrita e a voz branco-patriarcal tentaram descolorir nossas matrizes com romantizações, demonizações, desumanizações e invisibilizações, porém as vozes-pretas ecoam de um tempo-outro, contando e cantando nossos saberes, fazeres e nossas vivências por meio das cantigas, contações de histórias e das escritas negras que desenham mães pretas *maternando* suas/eus filhas/os.

O traço humanizado no desenho de personagens negras pauta a literatura brasileira há algum tempo. Luiz Gama já desenhava a mulher preta com beleza, subjetividade e potência, como pode ser conferido nos poemas *Meus amores* (1904) e *A cativa* (1904). Além disso, a *maternagem* preta também foi descrita por esse intelectual com o texto *Minha Mãe*, (1944). Porém, a produção desse autor não recebeu tanta atenção quanto obras escritas por homens brancos, fato que configura como uma tentativa de apagar a participação negra da historiografia literária brasileira.

Constata-se que a ausência, a invisibilização e/ou a distorção da mulher negra na literatura, em seu âmbito nacional, não se detém à descrição do desenho das personagens. O apagamento de autoras/res também foi uma prática empregada a fim de defender a ideia da falta de produção artística/intelectual das pessoas negras. Além do caso já mencionado, do poeta Luiz Gama, há o da romancista, compositora e professora, Maria Firmina dos Reis, primeira mulher a escrever um romance brasileiro, o qual ficou, por muito tempo, apagado da historiografia literária.

A escrita de Maria Firmina dos Reis é fundamental para se desfazer o estereótipo do *mito negro*, representado durante tanto tempo na literatura nacional, pois para desfazer

descrições distorcidas de personagens negras femininas, antes é necessário um olhar interno, de dentro da negritude, ou seja, é preciso ter as autoras negras no cerne da literatura, pois elas sabem, de fato, como é ser mulher negra.

Eduardo Assis Duarte, na pesquisa intitulada: *Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade*, afirma:

Será preciso, então, ir aos escritos de autoras e autores afro-brasileiros a fim de encontrarmos a superação dessa secular estereotipia. E começamos por Maria Firmina dos Reis, que, em seu romance *Úrsula*, de 1859, faz surgir pela primeira vez em nossas letras a voz da escrava e, junto com ela, o suplício do navio negreiro e a memória do mundo de liberdade deixado do outro lado do oceano. Através da personagem Mãe Suzana, a autora inaugura não um novo paradigma, mas um modo diferenciado da representação até então existente. Nele, a autoria feminina e afro-identificada substitui o protagonismo da mulata pelo da negra. Mãe Suzana é negra e explica ao jovem escravo alforriado o verdadeiro sentido da liberdade. [...] E, como ela, outra mãe, a fugitiva Joana, do conto 'A escrava', de 1887, enlouquecida depois de ver os filhos menores serem vendidos pelo senhor. A obra de Firmina dá início à desconstrução do estereótipo, substituindo o apelo carnal da mulata pelo drama da escrava impedida de criar seus filhos (Duarte, 2010, p. 32).

Ao apresentar mulheres negras como mães, como *sujeitas* que pensam e falam, Maria Firmina dos Reis atribui às personagens de seus escritos aspectos da representação humana, subvertendo o olhar hegemônico e colorindo a literatura brasileira, até então, considerada um território hegemonicamente branco e patriarcal.

A pesquisa realizada por Duarte não se detém aos primórdios da literatura negro-brasileira, ela apresenta um itinerário literário que começa no século XIX e chega à contemporaneidade, da qual o pesquisador evidencia autoras negras, entre elas, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Miriam Alves, constatando:

Nelas [autoras negras] encontramos o redirecionamento da voz narrativa que, sem descartar a sexualidade, está empenhada em figurar a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas atitudes de luta e resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito. Nessas autoras, o ponto de vista interno à mulher afrodescendente põe em cena o lado feminino da exclusão (Duarte, 2010, p.34).

É a partir do olhar e da escrita negras que a personagem – também negra – é libertada de estereótipos, passando a ser descrita com aspectos humanos. É importante a ressalva feita pelo pesquisador sobre não descartar a sexualidade negra feminina no redirecionamento da voz narrativa, pois apesar da literatura branco-patriarcal

hipersexualizar personagens negras, a sexualidade não deve ser negada às subjetividades negras femininas, ao contrário, ela pode ser usada para potencializar essa subjetivação.

A literatura negro-brasileira contemporânea continua a caminhada de seus precursores com passos que também rompem preceitos socialmente preestabelecidos à mulher negra. Um exemplo desse rompimento na contemporaneidade é a obra *Um defeito de cor* (2019), escrita por Ana Maria Gonçalves. A autora descreve a protagonista Kehinde, mulher negra, que entre outras batalhas, luta para exercer a *maternagem* dos seus filhos. Embora um deles tenha sido retirado de sua presença, ela seguiu tentando reencontrá-lo enquanto cuidava dos demais filhos.

Podemos afirmar que a produção de pessoas negras não se prendeu às memórias e invenções branco-patriarcais com sua narrativa excludente e desumanizadora. A literatura produzida por mulheres e homens negros pautam nossas dores e lutas rompendo estereótipos que nos foram impostos, porém, ela não se resume a isso. A escrita viva a enegrecer a literatura brasileira não estaciona no sofrimento negro; ela vai além, narrando também amores, belezas, escolhas, potências negras, como constatamos também na obra de Conceição Evaristo, grande expoente da literatura brasileira contemporânea. Em seus poemas, contos e romances, a mulher negra é representada como *sujeita* que quando escolhe ser mãe exerce a *maternagem* de seus filhos.

Importante destacar que ao fundir escrita e vivência, Conceição Evaristo instaura na produção artística brasileira das pessoas negras a *escrevivência*, uma categoria individual e coletiva, que evidencia o potencial intelectual destes corpos e amplia as possibilidades de projeção e autodenominação da escrita negra.

Transformar a dor em arte é uma alternativa que Conceição Evaristo utiliza para reconhecer a dignidade e potência desses corpos que são estigmatizados e rejeitados pela sociedade, e trazer protagonistas negras para a literatura brasileira insere no centro do debate corpos que estão expostos nas estatísticas de morte, ocupando o centro dos mapas da violência, e muitas vezes não são vistos como humanos.

Observa-se que “[...] ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade mulher que não é mais o ‘outro’ dos discursos” (Alves, 2011, p. 186). Há, no texto de Evaristo, múltiplos protagonismos que se mesclam, posto que a escritora, pesquisadora e artista dialoga com leitoras/res que vislumbram a possibilidade de existir em um espaço de dignidade e potência.

1 MATERNAGENS NEGRAS: TRAVESSIAS, CONEXÕES E POTÊNCIAS

A *maternagem* é tema recorrente na obra de Conceição Evaristo e sua inspiração é

fruto das experiências compartilhadas pelas mulheres de sua família e sua própria vivência que se estende a toda uma coletividade. As mães negras apresentadas por Evaristo estabelecem novas lógicas para estes corpos, pois são maternidades escolhidas e não obrigatórias, como ocorria no período da escravização, quando as mulheres negras eram obrigadas a dedicar carinho e cuidado aos filhos dos que se diziam seus donos. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, (2011) dos treze contos apresentados, sete se desenvolvem em torno de mulheres-mães que geram vidas e retomam o direito de *maternar*, amamentando e cuidando de seus filhos com dedicação, amor e respeito.

Tornar-se mãe deve ser uma escolha, opção e não obrigação, por isso, não há aqui o intuito de dizer que toda mulher precisa escolher a maternidade para se humanizar. O que afirmamos é: toda mulher deve ter o poder de escolha, sobretudo, em relação ao seu corpo; isso é exercer a subjetividade. Portanto, o fato de sentir-se ou tornar-se mulher não condiciona o corpo ao papel da maternidade, este deveria ser um desejo isento de julgamentos e imposições exteriores. Observa-se que:

A imagem da mãe está profundamente marcada na psiquê humana e se encontra representada em diferentes mitos, religiões e manifestações artísticas de todas as culturas. Talvez por isso, dos papéis relacionados às mulheres, é provavelmente a maternidade que sofreu sempre maior controle no sentido de manter uma imagem idealizadora da mulher, relacionando-a ora à própria natureza, num determinismo redutor; ora ao sagrado, impondo-lhe o sobrenatural e misterioso. A imagem materna é, provavelmente, o mais poderoso e universal dos arquétipos ligados à mulher. Também está presente na literatura de todos os tempos, quase sempre reforçando os padrões patriarcais (Vasconcelos, 2014, p. 66).

Diante da lógica social machista e opressora, a maternidade é lida como um peso ou problema, especialmente para o mercado de trabalho, que condiciona o papel da mãe unicamente ao cuidado. Nas representações literárias, esse padrão se repete e, algumas vezes, a figura materna não recebe protagonismo ou relevância nas tramas e enredos. E à mulher preta, a quem se negou o exercício da *maternagem* de suas crianças, gerar um/a filha/o pode ser um convite à revisitação de traumas, negações e proibições que atravessaram gerações e se ancoram em seu corpo. Além disso, precisamos lembrar: a branquitude não nos quer gerando, parindo nem *maternando* nossas crianças, pois ela nos quer como babás exclusivas das suas.

É importante ressaltar que, eventualmente, a ideia de maternidade acaba seguindo um modelo universal, inspirado principalmente em uma perspectiva branca-burguesa, por meio da qual, as mães estão sempre cercadas de babás ou auxiliares, tornando-se assim, pessoas livres para desempenharem outras funções. No caso das mães-negras, há muitas camadas no ato de *maternar*, que envolvem desde a disponibilidade para os

cuidados, preocupação com a prole, gerenciamento de vida pessoal, carreira e tantas demandas que vão surgindo.

É fundamental compreender que a maternidade é uma experiência única, transformadora, intransferível e solitária. Única, porque mesmo tendo a oportunidade de gerar filhos várias vezes, muitas mulheres relatam que cada gestação é singular, com características exclusivas, sem contar os casos de adoção, por meio dos quais, os filhos nascem fora do corpo físico. Transformadora, pois é impossível ser atravessada pela maternidade sem morrer para ver-se nascer mãe. Intransferível e solitária, porque mesmo contando com rede de apoio, presença de companheiro ou companheira, é o corpo da mãe que sozinho sente o coração da criança bater; ver seu corpo se modificar ao longo dos meses; é surpreendida por enjoos desconfortáveis; não encontra posições para dormir, chora e sorri o tempo inteiro; vibra com os pulos e chutes do bebê em seu ventre e se transforma em leite que nutre e alimenta este novo corpo depois que ele deixa o útero-casa. Não tem como passar para ninguém essas experiências, é só o corpo-mãe que grava as sensações de prazer, angústia e dor que não terminam com o parto, nem sempre perfeito.

Vale lembrar que no caso das maternidades negras muitas particularidades atravessam estes corpos, como solidão, abandono, desprezo, desrespeito, violências múltiplas, incompreensão e tantas outras experiências singulares que se conectam às vivências de outras mulheres negras que escolhem acolher em seus corpos sementes que se desenvolvem, florescem e circulam energia de vida e transformação.

No conto *Aramides Florença*, Evaristo apresenta uma história de dor, violência e abandono, no entanto, a protagonista é movida pelo desejo de ser mãe e realiza sua vontade, com planejamento e conforto financeiro, conforme descreve o trecho:

Florença tivera uma gestação feliz. Ter um filho havia sido uma escolha que ela fizera desde mocinha, mas que vinha adiando sempre. Vivia a espera de um encontro, em que o homem certo chegaria para ser o seu companheiro e pai do seu filho. Um dia, realmente esse homem apareceu (Evaristo, 2020, p. 11).

A experiência de Aramides com a *maternagem* é interessante, pois mesmo depois dos percalços vivenciados pela protagonista, ela segue a vida com seu filho, tendo a criança como seu bem mais precioso, como ilustra a cena que mostra a chegada da narradora na casa de Aramides Florença: “Esta é a minha criança, - me disse a mãe, antes de qualquer outra palavra -, o meu bem-amado” (Evaristo, 2020, p.10).

A narrativa evidencia ainda que o distanciamento do companheiro da protagonista, pai da criança, fez bem para a mãe que se livrou das violências do

relacionamento e passou a sensação de alívio para seu filho. “Teria a criança, tão novinha, - pensei mais tarde, quando ouvi a história de Aramides Florença, - se rejubilado também com a partida do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava” (Evaristo, 2020, p. 10).

Cabe ressaltar que a figura da mãe é muito importante para o filho, pois ela é fundamental no processo de pertencimento identitário e crescer ao seu lado, com seu afeto e ensinamentos, é imprescindível para que os indivíduos adquiram repertórios e referências de autorreconhecimento. No entanto, em função da exploração colonial, os filhos das mães pretas eram obrigados a viver afastados da presença materna fundamental.

Teresinha Bernardo (2005) enfatiza a potência das organizações matrifocais e matrilineares, tanto no Candomblé, quanto em outras estruturas organizacionais africanas ou afrodiáspóricas. A pesquisadora reforça que, “a matrifocalidade, [...] combina-se com a matrilinearidade. Este último conceito ganha sentido com a norma de que os filhos ao pertencerem sempre ao grupo da mãe, a descendência é matrilinear” (Bernardo, 2005, p. 16). Por este viés, na narrativa de Aramides Florença, a personagem recupera sua condição de mãe e se desfaz a imagem da mãe escravizada que era impossibilitada de cuidar e amamentar seus próprios filhos.

O ato de amamentar é um fato muito importante para essa *maternagem* representada por Evaristo no conto em análise, pois a autora enfatiza a recusa da criança, de aproximadamente um ano, para introduzir alimentos sólidos na alimentação. O leite produzido pelo corpo da mãe era o único alimento que nutria o bebê. “Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era. O menino só se nutria do leite materno. A sopinha que o pediatra havia recomendado, e que a mãe preparava cuidadosamente, o bebê mal provava, recusando sempre” (Evaristo, 2020, p. 10). O destaque para a amamentação do filho é proposital, pois a autora sugere que a personagem amamenta seu filho como um ato de reparação por todas as mães que vieram antes e não tiveram a oportunidade de nutrir seus filhos com o próprio leite, pois eram obrigadas a cuidar dos filhos da casa-grande.

Fica evidente que ao escolher iniciar a sequência de contos com a história de uma mulher-mãe em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, Evaristo sugere uma lógica diferente da proposta pela sociedade para estes corpos, pois:

A experiência que dá origem à figura simbólica da “mãe preta”, narrada desde a história social da escravidão, é, portanto, a de uma sociedade em que a maternidade da mulher negra não possui o mesmo reconhecimento social com que foi construída a noção de ser mãe para as mulheres brancas. Acompanhamos como as amas-de-leite foram primeiramente destituídas da relação com o próprio filho e, depois, já num processo de construção do discurso racista brasileiro, também afastadas da relação

com a criança branca (Silva, 2019, p. 145).

Nesse sentido, as vivências de Aramides Florença como mãe são fundamentais para restabelecer a ideia de *maternagem* negra na literatura e no imaginário social, pois a personagem não é obrigada a abandonar seu filho para cuidar das crianças brancas. Ela está em seu trono, lugar que escolheu para reinar, como se nota no trecho a seguir: “Quando cheguei à casa de Aramides Florença, a minha igual estava assentada em uma pequena cadeira de balanço e trazia, no colo, um bebê que tinha a aparência de quase um ano” (Evaristo, 2020, p. 10). A imagem criada por Evaristo é bastante simbólica e significativa, pois tanto a mãe quanto a criança assumem a centralidade do discurso e causam um efeito argumentativo visual que induz a refletir sobre o lugar das mães negras na literatura e na sociedade.

2 NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE: A CAMINHADA CONTINUA...

As mães desenhadas pelas escritoras negras brasileiras priorizam a diversidade e ressaltam as subjetividades que estas figuras carregam. Não há uma universalização a ser seguida, pois:

[...] não correspondem a um padrão único e estão, na sua diversidade, bem distantes das silenciosas ou idealizadas mães da nossa literatura tradicional. Apresentam, nas relações familiares que vivenciam, a complexidade e profundidade que as torna muito mais atraentes do ponto de vista da verossimilhança. Negam, sobretudo, o exotismo das ‘mulas humanas’ inventadas no sonho erótico machista, como também o enquadramento da cômoda fantasia sacrificial da ‘mãe preta’ construída por Freyre. Lutam e trabalham por seus filhos, defendem suas ideias e suas famílias, sem passividade, nem renúncia. Entre a dor que representa essa visão realista da maternidade pobre em ambientes hostis a qualquer amor, percorrem as páginas das autoras, personagens que se irmanam numa compreensão profunda do que são, trocando experiência, afeto e proteção, como se fizessem parte de uma irmandade não declarada, talvez nem consciente, mas de efeitos reais e necessários. (Vasconcelos, 2014, p. 103).

As conexões, travessias e atravessamentos são explícitas nas histórias das mães negras trazidas por Conceição Evaristo, que mesmo na diversidade das experiências individuais, é possível entrever as teias que interligam as experiências de *maternidades* negras na literatura e na sociedade.

Observamos que muitos espaços estão sendo ocupados por mulheres negras, tanto nas produções literárias quanto nas estruturas sociais, no entanto, é importante compreender que há muita estrada ainda para percorrer.

É imprescindível reconhecer os esforços que foram feitos até os dias atuais para que personagens negras/os protagonizem suas histórias sem causar estranhamento ou repulsa, mas ainda não vivenciamos o cenário adequado e equânime, posto que algumas vezes as obras produzidas e protagonizadas por mulheres negras são reconhecidas apenas pelo debate teórico, em detrimento do potencial intelectual e artístico que efetivamente apresentam.

REFERÊNCIAS

ALVES, Míriam. **BrasilAfro autorevelado** - literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte. ed. Nandyala, 2011.

BERNARDO, Teresinha. **O Candomblé e o Poder Feminino**. Revista de Estudos da Religião N. 2 / 2005 / pp. 1-21. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf. Acesso em 07 set. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Orgs). **Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) contemporânea. In: Nadilza Moreira & Liane Schneider, (orgs). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia. 2005.

EVARISTO. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GAMA, Luiz. **Trovas burlescas e escritos em prosa**. Org. Fernando Góes. São Paulo: Cultura, 1944. p.141-142. Ed. São Paulo: Typ; Bentley Júnior, 1904.

GAMA, Luiz. **Trovas burlescas e escritos em prosa**. Org. Fernando Góes. São Paulo: Cultura, 1944.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Democracia racial? Nada disso! In: RIOS, Flavia; Márica, LIMA (Orgs). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zarah, 2020. p. 201-203.

GONZALEZ, Lélia. Racismo, e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; Márica, LIMA (Orgs). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, -intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de

Janeiro: Zarah, 2020. p. 75 -93.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismos cotidianos. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho; Doidinho; Banguê**: romances reunidos e ilustrados. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

REGO, José Lins do. **Meus verdes anos**: memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

SILVA, Fabiana Carneiro da. **Ominíbú**: maternidade negra em Um defeito de cor. Salvador: EDUFBA, 2019.

SOUZA, Neuza. **Torna-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira de. **No colo das iabás**: raça e gênero em escritoras "afro-brasileiras contemporâneas. (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

Título em inglês:

**BLACK WOMEN MOVING TO THE CENTER STAGE:
REPRESENTATIONS OF MOTHERHOOD IN BRAZILIAN
LITERATURE**